

(*) Francisco Carlos Jacinto Barbosa. Prof. Adjunto do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará, Dr. em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
Francisca Eudésia Nobre Bezerra. Aluna do Curso de História da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central.

Francisco Carlos Jacinto Barbosa Francisca Eudésia Nobre Bezerra*

Lembranças de Curas: rezadores, mezinheiros e parteiras do Sertão Central**

RESUMO: O presente artigo objetiva apresentar uma reflexão preliminar sobre a memória dos saberes e das práticas de cura, realizados pelos moradores do Sertão Central do Ceará. Ao mesmo tempo, aponta-se a importância de investigar as formas a partir das quais são construídas e “geridas” as diversas narrativas.

Palavras-chave:
cultura; memória;
oralidade

Desde agosto de 2003, temos desenvolvido discussões e pesquisas sobre doenças e práticas terapêuticas populares, a partir da narrativa de *rezadores, mezinheiros e parteiras*, cuja atuação estivesse circunscrita nos municípios que compõem o chamado Sertão Central do Ceará, especialmente Quixadá, Quixeramobim, Banabuiú, Ibaretama e Senador Pompeu. Objetivávamos refletir sobre o lugar social ocupado por estas práticas nas respectivas comunidades, num momento em que seus praticantes foram tomados pelos gestores da saúde pública estadual, considerando-os *reeditores sociais*¹, ou, multiplicadores, responsáveis pela difusão de informações e preceitos básicos de saúde e higiene.

Notamos, logo no princípio, a importância que os entrevistados atribuíam ao seu percurso histórico como *agentes de cura*. A narração de suas trajetórias na comunidade, das curas praticadas, das rezas e rituais, dos remédios utilizados, da aprendizagem das receitas, deixava transparecer, pouco a pouco, as relações travadas com a natureza e com o transcendental.

Ao mesmo tempo, deparamo-nos com evidências de uma experiência sertaneja marcada pela busca de soluções concretas para os vários problemas inerentes a uma existência eivada de precariedade, especialmente no que diz respeito à saúde. Em pleno sertão seco, aonde os conhecimentos e práticas médicas

** Artigo baseado na pesquisa intitulada *Gestões da memória*, que vem sendo realizada desde o início de 2003, nos municípios do Sertão Central do Ceará.

¹ Mais informações sobre esta noção em: TOTO, José Bernardo, WERNEC & Nísia Duarte. *Mobilização social: um modo de construir democracia e participação*. São Paulo, 1995 (mimeo).

não chegavam muito facilmente, predominavam modos de lidar com a saúde e a doença, ancorados numa tradição na qual o saber-fazer de *rezadores*, *mezinheiros* e *parteiras*, gozava de visível credibilidade junto aos moradores destas terras áridas.

Ali, onde, a despeito das inúmeras transformações operadas ao longo dos anos, convivem temporalidades diversas, os modos de vida ritmados e, muitas vezes ritualizados, constituem nichos, no interior dos quais a *apropriação* da natureza ocorre mediante uma lógica de *composição*. A observação dos fenômenos naturais, da qual resulta uma miríade de saberes e práticas, não é suficiente para promover o *afastamento*, ocorrente no mundo moderno, entre homem e natureza.

Os *usos terapêuticos* de plantas e, em alguns casos, substâncias de origem animal, revelam saberes passados e repassados de uma geração à outra, manifestos na confecção de *remédios* ou na prática das *rezas*.

Portanto, a cultura constitui o filtro a partir do qual a natureza e a existência das pessoas são lidas. É segundo ela que são definidas as doenças e legitimadas as respectivas formas de cura.

Doenças como *espinhela caída*, *vermelha ou, fogo selvagem*, *dores de mulher*, *dores de dente e de cabeça*, *quebranto*, que figuram dentre aquelas mais citadas nos depoimentos dos *rezadores*, são tratadas com *rezas* em que são evocados os *poderes divinos*, como nos conta um de nossos depoentes:

*Pai, Filho e Espírito Santo. Jesus Cristo, Nosso Senhor, me dê força e luz. Pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, faz essa cura em fulano de tal . Faz essa cura em fulano de tal, Jesus Cristo...Pai, Filho e Espírito Santo. Jesus Cristo, Nosso Senhor, me dê força e luz. Pelas cinco chagas de Nosso Jesus Cristo, fiz essa cura nesta criança, com o poder de Deus Pai. Com o poder de Deus Filho. Com o poder do Espírito Santo. Não é eu, é meu Padim Ciço (sic) que vem curar ele em nome de Jesus. Pai, Filho e Espírito Santo. Aí eu Rezo um Pai Nosso aí ofereço. Não é eu que to rezando. É meu Padim Ciço (sic) que vem e reza.*²

Isso levou-nos a refletir sobre a importância da memória e dos mecanismos mnemônicos forjados por cada formação social. Dito de outra forma, percebemos que além de *praticantes da cura*, estes personagens desenvolveram a capacidade de aconselhar e indicar caminhos. Tal constitui uma das principais características do narrador, conforme aponta Benjamin (1987).

² Conforme depoimento da Senhora M.L. colhido em entrevista realizada em setembro de 2003.

Deste modo, tem sido importante buscar compreender não apenas a experiência da cura, como também e, sobretudo, o processo de construção da memória, enquanto uma representação do passado vivido, o que significa dizer que tão importante quanto o que foi vivenciado empiricamente, é imprescindível apreender como se constituem as estratégias inerentes aos trabalhos da memória, no sentido de mostrar que tanto o que é lembrado como as formas a partir das quais ocorrem as lembranças, são históricos. De algum modo, temos afinado para o fato de que parece haver neste ofício, uma articulação entre o *fazer* e o *narrar*, que parece exigir atenção para os aspectos os quais nos recomenda Koury (2001: 84):

Se cada narrador organiza os materiais da história de maneira única, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados e se as narrativas ocorrem em um meio social dinâmico, devemos ser cautelosos para não situá-las fora do indivíduo. Isso supõe lidar de maneira cuidadosa com a subjetividade de cada pessoa que narra e não trabalhar com subjetividade e objetividade como elementos estanques e dicotômicos. Supõe, Também, atentar para as dimensões imaginárias e simbólicas presentes em cada narrativa, como realidades históricas, procurando avançar na decodificação de significados profundos das relações sociais vividas por essas pessoas; supõe, ainda, atentar para os modos como dimensões presentes, passadas e futuras, se cruzam e se relacionam nos enredos narrados, refletindo sobre os trabalhos da fala, da memória e da consciência, na constituição desses enredos e na constituição dos sujeitos sociais.

Dou graças a Deus todos os dias, já está acabando este ano santo e agradeço por estar recordando e burilando o meu espírito. Desta forma D. Risoleta, filha de um pai liberto e de uma mãe livre, dá início, do alto de seus mais de oitenta anos, à narrativa comovente da sua história de vida, registrada por Bosi (2001:363). O ato de recordar, através da constituição de uma narrativa, parece estar relacionado à atribuição de significados ao passado vivido. Palavras semelhantes, ouvimos de D. Socorro³, quando entramos em sua casa, objetivando travar um primeiro contato, no sentido de convencê-la a compor o elenco de depoentes para nossa pesquisa.

Chegamos a sua casa no meio de uma dessas tardes quentes do Sertão quixadaense. Tínhamos saído da Cidade em direção a um Distrito denominado

³ Nome fictício.

Custódio, a procura de *rezadores* e *mezinheiros* que ali, moravam. Percorremos, com o sol à pino, a estrada *carroçal* que corta uma paisagem bem marcada pela existência dos vários monólitos e de uma vegetação rústica e seca, na qual se destacam as *juremas pretas*. Desviamos o caminho a procura de uma *agente de saúde*⁴ que pudesse facilitar algum contato. Atingimos uma localidade denominada *Caracol*, onde obtivemos a informação desejada. D. Socorro, que também é agente de saúde, saudou-nos rendendo louvores a Deus por estarmos ali, pois ela precisava falar. E assim fez, durante aproximadamente três horas, contando, em meio aos episódios de sua história de vida, algumas experiências de cura, nas quais figuravam rezas, remédios e rituais.

Sucederam-se os entrevistados e as localidades. Cada um deles, à sua maneira, portou-se como *guardião do passado*. Passado este, reconstruído em cada narrativa, o que significa dizer, representado pela memória. Isto significa dizer que, ao mesmo tempo em que o informante conta, ele *re-apresenta* o passado e posiciona-se diante da vida presente, através da realização de um trabalho.

A reflexão sobre a memória de doenças e práticas curativas, tem demonstrado ser de fundamental importância para o estudo da história das doenças e da saúde no Ceará. Para além de uma memória oficial que realça o papel desempenhado pela administração pública e por médicos abnegados, que a despeito das dificuldades, buscaram resolver os principais problemas de saúde pública, existem as lembranças, muitas vezes difusas, daqueles que experimentaram formas diferentes de promover a saúde.

A memória, portanto, é o mecanismo que demonstra justamente a *capacidade de assegurar permanências, manifestações sobreviventes de um passado muitas vezes sepultado*.⁵

Há que se considerar, além disto, toda uma tradição oral, na qual os modos de viver e sobreviver às doenças, evidenciam-se, matizando esta realidade marcadamente complexa, na qual, como diria uma das nossas informantes, existem doenças que apenas o médico pode curar. Outras, só o *rezador*.

A memória, portanto, tem constituído, neste caso particular, a possibilidade de acessar o passado objetivando atingir a diversidade de sentido que marca o horizonte social das práticas e procedimentos de cura. Mais ainda, as estratégias mnemônicas, a despeito da modernização e globalização do viver social, têm demonstrado a sua importância na experiência cotidiana das comunidades, especialmente estas em que a oralidade ainda representa uma forma de evidenciar costumes tradicionais.

⁴ Função criada no início da década de 1990 pelo Governo Estadual.

⁵ PINTO, Júlio Pimentel. Os muitos tempos da memória. In: *Projeto História*, nº. 17. São Paulo, Educ, 1998. P205.

Diante de tais questões, temos percebido a necessidade de criar um programa de produção e organização de informações relativas a experiências com doenças e práticas de cura, vivenciadas pela população dos municípios componentes do Sertão Central, objetivando promover uma reflexão sobre as estratégias de lembrança e/ou esquecimento gestadas e postas em práticas por estas populações, buscando compreender o lugar social da memória, assim como o uso que dela se faz.

Ali, como de resto, em todo Ceará, seja pela precariedade e imprevisto das ações de saúde, seja pela recusa, descrédito ou indiferença, a população, especialmente a parcela mais pobre, vivenciou um histórico distanciamento em relação a medicina tradicional, até pelo menos algumas décadas atrás. Ao mesmo tempo, acentuavam-se hábitos antigos atinentes às formas de combate às *moléstias*.⁶

Enquanto boa parte das abordagens de história tem demonstrado como interesse principal, refletir sobre alguma temática, utilizando-se de fontes orais como um complemento do quadro documental, tem sido objeto de nossa preocupação, traçar um caminho que nos leve á deliberada produção de informações referentes ao tema que vimos discutindo, com o intuito de investigar os procedimentos mnemônicos, de um lado e, de outro, estimular o desenvolvimento de pesquisas sobre saúde, doenças e práticas de cura. Aqui pensamos estar o ponto de relevância acadêmica da nossa proposta.

Como nos sugere Meneses(1999), a despeito do que já foi produzido, ainda é amplo o horizonte de possíveis reflexões, na medida em que existem questões fundamentais que precisariam ser exploradas, tais como: a *amnésia social*, a *apropriação da memória alheia* e as *práticas comemorativas*.

O observador um pouco mais atento verá que as formas a partir das quais, nas sociedades do grande mercado, os diversos grupos sociais têm se apropriado da memória, chegam a ser, de certo modo, perigosas, na medida em que, ao mesmo tempo em que são utilizadas para garantir a agregação de determinados grupos sociais, pela afirmação de identidades, são reificadas e transformadas em algo puramente celebrativo. Diante disto é que MENESES (1999) propõe como tarefa imprescindível, uma história da memória

que não seria apenas a história das teorias sobre memória, mas que inbricasse nas práticas e representações mnemônicas e rememorativas das sociedades e grupos, incluindo seus suportes e estratégias de apropriação, tendências, móveis, conflitos, efeitos, reciclagens etc.etc. Nesta

⁶ Para maiores detalhes, consultar: BARBOSA, Francisco Carlos Jacinto. *Caminhos da cura*. A experiência dos moradores de Fortaleza com a saúde e a doença. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História// PUC-SP, 2001.

*perspectiva, pesquisar o universo de **gestão** da memória e, em particular, daquilo que se poderia chamar de **economia política da memória**, seria de extrema oportunidade.⁷*

É neste rumo que nos colocamos diante do desafio de realizar o presente estudo: refletir a respeito da *gestão* da memória sobre doenças e práticas de cura, realizada pelos habitantes do Sertão, buscando perceber um possível campo de tensão e disputa em relação às memórias oficiais.

Discutimos memória e história, portanto, na perspectiva da cidadania. São coisas a que se tem direito. Aqueles que narram, realizam, como dissemos, um trabalho, desempenham um papel social, numa sociedade que os exclui, enquanto tais. Ao realizarem esta atividade, todos os envolvidos na prática narrativa, experimentam uma desaceleração, no que diz respeito ao ritmo frenético, fugaz e mercadológico do capitalismo. Ora, este desacelerar permite-lhes o exercício da reflexão sobre o passado e o presente e, possibilita que se percebam como sujeitos históricos.

Key words:

culture; memory;
orality

ABSTRACT:The article present objective introduce a preliminary reflection above the memory of the knowledge and of the practices as of cure, made for the dwellers from the Jungle Central from the Ceará/Brazil. At the same moment , appoints the importance of investigate the forms from which they are built and "manages" the differences narratives.

Bibliografia

ARAÚJO, Hermetes Reis (org.).de. *Tecnociência e cultura*. Ensaios sobre o tempo Presente. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e ciência. Trad. Márcia Copola. 3ª.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. Lembranças de velhos. 9ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

KOURY, Yara Maria Aun. Narrativas orais na investigação da História Social. In: *Projeto História*, 22. São Paulo: Educ, junho, 2001, pp. 79-103.

⁷ MENESES, Ulpiano Bezerra de. A crise da memória, história e documento: Reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Zélia Lopes da. *Arquivos, patrimônio e memória*. Trajetória e perspectivas. São Paulo: Unesp:Fapesp, 1999, p.11-12.obre diversos prismas, num *clima de comunicação*.

LATUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Ensaio de antropologia simétrica. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1997.

MATOS, Olgária. A narrativa: metáfora e liberdade. *História Oral*. São Paulo: n.4, 2001.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. A crise da memória, história e documento: Reflexões para um tempo de transformações. In. SILVA, Zélia Lopes da. *Arquivos, patrimônio e memória*. Trajetória e perspectivas. São Paulo: Unesp:Fapesp, 1999

PERROT, Michelle. A força da memória e da pesquisa histórica. Entrevista concedida a Denise B. Sant'ana. *Projeto História no. 17*. São Paulo: Educ, 1998.

PINTO, Júlio Pimentel. Os muitos tempos da memória.: *Projeto História*., São Paulo, n. 17, Educ, 1998.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro:vol. 2. n.3, 1989, p.3-15.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Corpos de passagem*. Ensaio sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.